



SABERES INDÍGENAS EM SALA DE AULA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO PIBID EM HISTÓRIA

LIMA, Andreza Honório¹
ARAGÃO, Patrícia Cristina de²
COSTA, Raíssa Barbosa da³

RESUMO:

A discussão na sala de aula de história sobre os povos indígenas contribui para descortinar visões estereotipadas sobre este grupo étnico-racial e também possibilita conhecer a luta e resistência deles permitindo a inclusão educativa destes grupo e por em articulação com a lei 11.645/2008. Este artigo tem por objetivo relatar a experiência de uma oficina pedagógica desenvolvida com a temática dos povos indígenas, destacando seus saberes e práticas culturais em uma turma do ensino fundamental, no contexto das aulas de História, por meio das atividades realizadas no âmbito do Subprojeto História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual da Paraíba. A proposta buscou promover reflexões acerca dos conhecimentos indígenas, especialmente no que se refere às práticas de cura por meio de plantas medicinais e rituais tradicionais, dialogando com as contribuições de Maria Alves, Ailton Krenak e Paulo Freire, Como metodologia, utilizamos pesquisa bibliográfica e a realização de uma oficina pedagógica realizada em uma escola pública da cidade de Campina Grande – PB, a partir da realidade de uma turma de 8º ano na leitura compartilhada da obra “Ciências indígenas: cura através das plantas e dos rituais”, publicada em 2000 pela Secretaria de Educação e Coordenadoria do Desenvolvimento da Escola em Fortaleza no Ceará. Após a sequência de roda de conversa e atividade prática com produção de registros escritos para composição de um mural coletivo. Consideramos que a valorização dos saberes indígenas em sala de aula contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes, despertando o interesse pela temática e promovendo o reconhecimento da diversidade cultural, muitas vezes negligenciada no ensino de História, reforçando a importância de uma educação inclusiva e plural.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Povos indígenas; PIBID; Saberes tradicionais; Educação Básica.

1 INTRODUÇÃO

¹Graduanda em Licenciatura em História, Bolsista (PIBID), Universidade Estadual da Paraíba, *Campus I*, andreza.h@aluno.uepb.br

² Orientadora: E-mail - patriciaaragao@servidor.uepb.br - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

³ Supervisora. E-mail: profa.raissacosta@gmail.com – Secretaria de Educação do Estado da Paraíba (SEE-PB).





O ensino de História na educação básica tem um papel muito importante na formação dos estudantes, principalmente quando se trata de compreender a diversidade cultural presente na sociedade brasileira. Como afirma Paulo Freire, “Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária” (Freire, 1996, p.17), o que reforça a importância de valorizar os diferentes conhecimentos existentes, incluindo os saberes indígenas, que muitas vezes são deixados de lado no ambiente escolar.

Este artigo surgiu a partir de uma experiência vivenciada no âmbito do Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual da Paraíba. A partir dessa vivência, desenvolvemos uma oficina pedagógica com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola-campo, com o objetivo de trabalhar a temática dos povos indígenas, especialmente seus saberes relacionados às práticas de cura, ao uso de plantas medicinais e aos rituais tradicionais.

A escolha dessa temática se deu pela importância de discutir o chamado “Abril Indígena”, um período que busca dar visibilidade às lutas, culturas e direitos dos povos originários. Além disso, percebemos que muitos estudantes ainda possuem uma visão limitada ou estereotipada sobre os indígenas, muitas vezes associando-os apenas ao passado, como se não fizessem parte da sociedade atual. Dessa forma, a oficina buscou desconstruir essas ideias e mostrar que os povos indígenas continuam presentes, produzindo conhecimentos e contribuindo de diversas formas para a sociedade.

Para o desenvolvimento da atividade, utilizamos como base a obra “Ciências indígenas: cura através das plantas e dos rituais”, publicada em 200 pela Secretaria de Educação e Coordenadoria do Desenvolvimento da Escola em Fortaleza no Ceará, que apresenta diferentes formas de conhecimento produzidas pelos povos indígenas, especialmente no que se refere à saúde e ao cuidado com o corpo. A partir da leitura compartilhada de trechos do livro, buscamos promover momentos de reflexão, diálogo e troca de experiências entre os alunos, valorizando tanto o conhecimento científico quanto os saberes tradicionais.

A proposta da oficina também esteve relacionada à ideia de que o ensino de História não deve se limitar apenas à transmissão de conteúdos, mas deve ser um



espaço de construção de conhecimento, onde os estudantes possam participar ativamente do processo de aprendizagem. Nesse sentido, utilizamos metodologias participativas, como a leitura coletiva, a roda de conversa e a produção de registros escritos, permitindo que os alunos expressassem suas opiniões, experiências e aprendizagens.

Outro ponto importante que motivou a realização dessa atividade foi a necessidade de promover uma educação mais inclusiva e plural, que reconheça e valorize a diversidade cultural. Trabalhar com os saberes indígenas em sala de aula é uma forma de combater preconceitos, fortalecer o respeito às diferenças e contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos.

Além disso, essa experiência também foi significativa para a nossa formação enquanto futuras professoras, pois nos permitiu vivenciar na prática o planejamento e a execução de uma atividade pedagógica. Através dessa vivência, pudemos perceber a importância de pensar em estratégias de ensino que dialoguem com a realidade dos alunos e que tornem o aprendizado mais significativo.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo relatar a experiência da oficina pedagógica realizada durante o Abril Indígena, destacando as estratégias utilizadas, o desenvolvimento da atividade e as reflexões construídas a partir da participação dos estudantes. Com isso, buscamos contribuir para o debate sobre o ensino de História, mostrando a importância de valorizar os saberes indígenas e de construir práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis à diversidade cultural.

2 METODOLOGIA

A construção deste trabalho se baseou em uma abordagem qualitativa, voltada para o relato de experiência, a partir das vivências desenvolvidas no contexto do Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual da Paraíba. Escolhemos esse tipo de pesquisa porque nosso objetivo principal não foi apenas apresentar dados, mas refletir sobre uma prática pedagógica realizada em sala de aula, destacando seus significados, contribuições e aprendizados.

Além disso, utilizamos também a pesquisa bibliográfica como suporte teórico para a realização da atividade. Essa etapa foi importante para fundamentar a proposta da oficina, especialmente no que se refere à valorização dos saberes indígenas e à



importância de trabalhar a diversidade cultural no ensino de História. Nesse sentido, compreendemos que é necessário olhar para os povos indígenas para além de visões simplificadas, buscando entender suas práticas, conhecimentos e formas de viver. Como destaca João Pacheco de Oliveira: “Buscar compreender melhor, mais além dos estereótipos, as motivações e significados das ações realizadas por indígenas implica lançar outra luz sobre eventos e personagens da história nacional.” (OLIVEIRA, 2016, p. 8).

A experiência foi desenvolvida em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola-campo vinculada ao PIBID. A escolha desse público se deu pela possibilidade de trabalhar a temática de forma mais dialogada, considerando que os alunos já possuem certa capacidade de reflexão e participação em atividades coletivas. A oficina foi realizada dentro do contexto do “Abril Indígena”, o que contribuiu para dar ainda mais sentido à proposta, já que esse período é marcado por reflexões sobre os povos indígenas e seus direitos.

Sobre os instrumentos utilizados, consideramos principalmente a observação da participação dos alunos durante a realização da oficina. Durante toda a atividade, buscamos perceber como os estudantes reagiam às discussões, quais eram suas falas, dúvidas e contribuições, além do nível de envolvimento nas propostas apresentadas. Essa observação foi feita de forma direta, durante a aplicação da oficina, o que nos permitiu acompanhar de perto o processo de aprendizagem dos alunos.

Outro instrumento importante foi a análise dos registros produzidos pelos estudantes ao final da atividade. Como parte da proposta, os alunos escreveram pequenos bilhetes em post-its, nos quais puderam expressar o que aprenderam, o que sentiram ou o que mais chamou atenção durante a oficina. Esses registros foram fundamentais, pois nos ajudaram a compreender como os alunos interpretaram os conteúdos trabalhados, além de revelar suas percepções sobre os saberes indígenas apresentados. Também utilizamos como fonte de análise as interações ocorridas durante a roda de conversa realizada após a leitura do texto. Nesse momento, os alunos compartilharam experiências pessoais, principalmente relacionadas ao uso de plantas medicinais em suas famílias, o que possibilitou uma troca de saberes muito significativa. Esse tipo de troca mostra como o conhecimento pode ser construído a partir das diferenças e das experiências de cada pessoa. Como afirma Ailton Krenak: “Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que



está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças.” (KRENAK, 2009, p.16).

A metodologia da oficina foi pensada de forma participativa, buscando envolver os alunos em todas as etapas da atividade. Inicialmente, realizamos uma breve explicação sobre o Abril Indígena, contextualizando a importância da temática. Em seguida, foi feita a leitura compartilhada de trechos do livro, com a participação voluntária dos alunos, o que contribuiu para criar um ambiente mais dinâmico e colaborativo. Durante a leitura, fizemos pausas para promover reflexões e incentivar o diálogo, tornando a aula mais interativa.

Após esse momento, realizamos uma roda de conversa, onde os alunos puderam expressar suas opiniões e fazer relações com suas vivências. Essa etapa foi muito importante, pois permitiu que eles se sentissem à vontade para participar e compartilhar seus conhecimentos. Por fim, a atividade foi finalizada com a produção dos bilhetes e a construção de um mural coletivo, que foi exposto na escola como forma de valorização dos saberes indígenas e do protagonismo dos estudantes.

A análise dos dados e aprendizagem dos alunos foi feita de forma interpretativa, a partir das observações realizadas durante a oficina e dos registros produzidos pelos alunos. Buscamos identificar elementos que demonstrassem o aprendizado, o interesse pela temática e a construção de novas percepções sobre os povos indígenas. Dessa forma, foi possível refletir sobre os resultados da experiência e compreender a importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural.

Por fim, entendemos que a metodologia utilizada contribuiu para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo, pois permitiu a participação ativa dos alunos e a valorização de seus conhecimentos prévios. Além disso, possibilitou uma aproximação entre o conteúdo escolar e a realidade dos estudantes, mostrando que o ensino de História pode ser mais dinâmico, inclusivo e conectado com o cotidiano.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO



A realização da oficina possibilitou observar de forma clara como os alunos reagiram à temática trabalhada e como os saberes indígenas ainda são pouco conhecidos por eles. Durante os momentos de leitura e conversa, percebemos que muitos estudantes demonstraram curiosidade e interesse pelo assunto, principalmente quando o tema se aproximava da realidade deles, como no caso do uso de plantas medicinais.

Ao longo da atividade, ficou evidente que alguns alunos já tinham contato com esse tipo de conhecimento em casa, mesmo sem relacionar diretamente com os saberes indígenas. Quando foram questionados sobre o uso de chás ou remédios naturais, vários relataram experiências com familiares, como avós e mães, que utilizam plantas para tratar problemas de saúde. Esse momento foi importante porque mostrou que esses saberes não estão distantes da realidade dos estudantes, mas fazem parte do cotidiano deles.

Por outro lado, também percebemos que muitos alunos ainda possuem uma visão limitada sobre os povos indígenas. Em alguns momentos, ficou claro que eles associavam os indígenas apenas ao passado ou a uma imagem estereotipada, sem reconhecer que esses povos continuam presentes na sociedade atual, produzindo conhecimentos e mantendo suas tradições. A partir disso, a oficina contribuiu para ampliar essa visão, ajudando os alunos a compreenderem melhor a importância cultural e histórica dos povos indígenas.

A leitura compartilhada teve um papel importante nesse processo, pois permitiu que os alunos participassem ativamente da atividade. Alguns leram e demonstraram interesse em compreender o texto. As pausas para diálogo também foram fundamentais, pois abriram espaço para que os alunos pudessem falar, tirar dúvidas e relacionar o conteúdo com suas próprias experiências. Isso tornou a aula mais dinâmica e significativa.

A roda de conversa foi um dos momentos mais ricos da atividade. Nela, alguns alunos se sentiram mais à vontade para expressar e compartilhar suas opiniões. Foi possível perceber que, quando têm espaço para falar, eles conseguem construir reflexões importantes, mesmo que de forma simples. Além disso, esse momento contribuiu para o respeito às falas dos colegas e para a troca de conhecimentos dentro da sala de aula.

A atividade dos post-its também trouxe resultados interessantes. Ao escreverem seus bilhetes, os alunos conseguiram expressar o que aprenderam e o



que sentiram durante a oficina. Muitos destacaram a importância dos saberes indígenas e demonstraram reconhecimento por esses conhecimentos, o que mostra que a atividade atingiu seu objetivo de valorização cultural. Alguns também expressaram curiosidade em aprender mais sobre o tema, o que indica que a oficina despertou interesse para além daquele momento.

A construção do mural coletivo foi outro ponto positivo, pois envolveu os alunos de forma participativa e colaborativa. Eles demonstraram entusiasmo ao ver seus bilhetes sendo expostos, o que contribuiu para fortalecer o sentimento de pertencimento e valorização dentro do ambiente escolar. Além disso, o mural serviu como uma forma de compartilhar o que foi trabalhado com outras pessoas da escola.

De modo geral, os resultados mostram que trabalhar os saberes indígenas em sala de aula pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa, principalmente quando a atividade envolve a participação dos alunos e se conecta com a realidade deles. A experiência também reforça a importância de desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e que promovam o respeito às diferentes formas de conhecimento.

Assim, entendemos que a oficina não apenas contribuiu para ampliar o conhecimento dos alunos, mas também ajudou a construir uma visão mais crítica e respeitosa sobre os povos indígenas. Isso mostra que o ensino de História pode ir além dos conteúdos tradicionais, sendo um espaço de reflexão, diálogo e construção de novos olhares sobre a sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da oficina permitiu compreender, na prática, como o ensino de História pode ser mais significativo quando trabalha temas que fazem parte da realidade dos alunos e que valorizam diferentes formas de conhecimento. A experiência mostrou que, quando os estudantes são convidados a participar ativamente da aula, eles se envolvem mais e conseguem construir aprendizagens que vão além do conteúdo tradicional.

A partir do que foi observado durante a atividade, foi possível perceber que os alunos ampliaram sua visão sobre os povos indígenas. No início, muitos apresentavam ideias mais limitadas, mas, ao longo da oficina, passaram a reconhecer a importância desses povos, especialmente no que se refere aos saberes



relacionados às plantas medicinais e às formas de cuidado. Esse processo não aconteceu de forma imediata, mas foi sendo construído a partir do diálogo, da escuta e da participação.

Outro ponto importante foi perceber como os alunos conseguiram relacionar o conteúdo com suas próprias vivências. Ao compartilharem experiências sobre o uso de plantas medicinais em suas famílias, eles passaram a enxergar que esses conhecimentos fazem parte do seu cotidiano, mesmo que muitas vezes não sejam reconhecidos como saberes importantes. Isso mostra que a aprendizagem se torna mais significativa quando o conteúdo faz sentido para quem está aprendendo.

Além disso, a oficina contribuiu para o desenvolvimento de atitudes como respeito, escuta e valorização das diferenças. Durante os momentos de conversa, os alunos tiveram a oportunidade de ouvir os colegas e compartilhar suas opiniões, o que fortaleceu a troca de ideias dentro da sala de aula. Esse tipo de experiência é importante porque mostra que a escola também é um espaço de convivência e formação cidadã, e não apenas de transmissão de conteúdos. A forma como a atividade foi desenvolvida também fez diferença nos resultados. O uso de estratégias como leitura compartilhada, roda de conversa e produção de bilhetes permitiu que os alunos participassem de maneira mais ativa, o que contribuiu para o interesse e o envolvimento durante toda a oficina. Isso reforça a importância de pensar em metodologias que valorizem a participação dos estudantes e que tornem o aprendizado mais dinâmico.

A experiência também foi importante para a nossa formação, pois permitiu refletir sobre a prática docente e sobre o papel do professor na construção do conhecimento. Foi possível perceber que ensinar não é apenas explicar conteúdos, mas criar situações em que os alunos possam pensar, questionar e construir suas próprias ideias. Essa vivência mostrou que é possível trabalhar temas importantes de forma simples, mas significativa.

Dessa forma, entendemos que os objetivos propostos para a oficina foram alcançados, principalmente no que diz respeito à valorização dos saberes indígenas e do respeito à diversidade cultural. A atividade contribuiu para ampliar o olhar dos alunos e mostrou que o ensino de História pode ser um espaço de transformação, onde diferentes vozes e conhecimentos podem ser reconhecidos.

Por fim, consideramos que experiências como essa são importantes para fortalecer uma educação mais inclusiva e sensível às diferenças. Trabalhar com temas

como os saberes indígenas não é apenas uma escolha de conteúdo, mas uma forma de contribuir para a formação de alunos mais críticos, conscientes e respeitosos. Assim, essa vivência reforça a importância de continuar desenvolvendo práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e aproximem o ensino da realidade dos estudantes.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), cujo fomento foi essencial para o desenvolvimento das atividades aqui apresentadas. Registra-se o reconhecimento à CAPES pela concessão da bolsa, a qual contribuiu significativamente para a formação acadêmica e profissional. Destaca-se, ainda, a contribuição da coordenadora geral do PIBID, Profa. Dra. Paula Almeida Castro, pelo compromisso, dedicação e orientação ao longo do programa.

Aos coordenadores do subprojeto de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão e Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno são devidos agradecimentos pelo acompanhamento, apoio e contribuições fundamentais durante a execução das atividades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria et al. Ciências indígenas: curas através das plantas e dos rituais. Fortaleza: Secretaria de Educação e Coordenadoria do Desenvolvimento da Escola, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.